



Saberes e Interdisciplinaridade: Comunicação Social e Representações Sociais.¹

Rosinete de Jesus Silva FERREIRA²
Universidade Federal do Maranhão

Resumo

Apresenta-se uma reflexão entre os campos da Comunicação e das Representações Sociais a partir da construção do campo da Comunicação. Discute-se a formação da Teoria das Representações Sociais, oriunda da Psicologia Social e da Sociologia. Nosso objetivo é pensar a interação entre os dois campos mencionados e a importância de entender as Representações Sociais a partir do processo comunicativo, isto é, como primordial para compreender os fenômenos das Representações Sociais

Palavras-chave

Comunicação Social; Representações Sociais; Interdisciplinaridade

1. Comunicação como princípio gerador da vida

O ato de se expressar, de transmitir informação e de estabelecer uma relação de interação e comunicação com o outro está relacionado ao ato de vivência coletiva e individual. Logo, a atitude de comunicar não está restrita à ação, ao estímulo – resposta, à transmissão verbal explícita e/ou intencional de mensagens. A ação de comunicar é, por si só, um ato que envolve duas ou mais pessoas em uma situação social produzindo significados, sentido, interpretações e representações. As vivências e as relações permitem definir, entre os sujeitos envolvidos no ato de comunicar, quem fala, de onde fala, o conteúdo dessa fala e as práticas utilizadas na interlocução.

Comunicação é um processo essencial para a interação humana, uma vez que é a partir do ato comunicativo que construímos o mundo em significado, interagimos e nos tornamos sujeitos da ação arquitetada socialmente. Os psiquiatras Jackson e Watzlawick (1997) associam a comunicação ao aspecto pragmático do homem, portanto é impossível não comunicar, pois qualquer situação em que o indivíduo esteja envolvido tem valor de mensagem. Bordenave (2001, p.14) define comunicação como “uma das formas pelas quais os homens se relacionam entre si” e nesse processo criam símbolos, signos,

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. roseferreira@uol.com.br



representações, acumulam experiências e transmitem informações idéias, emoções e habilidades.

A pluralidade do termo *comunicação* envolve várias áreas de conhecimento, podendo estar relacionado à transmissão de sinais físicos, químicos ou até mesmo biológicos. Por envolver diferentes áreas de conhecimento, a palavra *comunicação* pode conter definições distintas e ser considerada como uma resposta a certo tipo de estímulo, transmissão de mensagens verbal, forma de interação humana através de signos e símbolos, ou até mesmo uma simples informação.

Santaella (2001) também chama a atenção para os estudos de comunicação, que se tornaram mais intensos a partir do século XX, com a aparição dos meios de massa. A partir de então, os estudos começaram a se intensificar e as pesquisas em torno dos meios comunicacionais aumentaram significativamente, por conta dos avanços sociais, tornando a comunicação pauta de vários segmentos e passando a inseri-se nos campos políticos, econômicos, sociais, educacionais, ambientais, dentre outros. Neste sentido, Matterlat (2000, p.11) comenta que “os sistemas de comunicação em tempo real determinam a estrutura de organização do planeta.” É, portanto, essa polissemia do termo que tem sido objeto de pesquisa desde uma abordagem mecanicista até as formas mais complexas de comunicação.

Pesquisadores como Lasswell, Lazarsfeld, Lewin e Hovland deram início ao que Wolf (1995) chamou de *communication research*, ou seja, a análise e pesquisa em comunicação, que teve uma contribuição significativa dos psicólogos Kurt Lewin e Carl Hovland. Lewin estudou a comunicação de grupos, os efeitos das pressões e normas, comportamentos e atitudes e Hovland desenvolveu com seu grupo de estudos, pesquisas relacionadas à mudança de opinião, atitude e eficácia da comunicação social. Lazarsfeld se ocupou com pesquisa de audiência e efeitos dos meios de comunicação de massa e Lasswell é considerado pioneiro no estudo da propaganda e das funções da comunicação (WOLF,1995).

Uma das contribuições importantes para os estudos da comunicação foi a teoria cibernética. Essa teoria surge por volta de 1948 com o matemático Nobert Winer, que introduziu a palavra “Cybernetics” para apresentar um estudo que envolvia sistema de controle e sistema de comunicação de todos os tipos (governo, autodireção etc.). Apter (1973, p. 35) afirma que a definição da cibernética como “estudo do controle e comunicação no animal e na máquina”, tinha um caráter muito amplo, porém estava de



certa forma relacionada com vários campos de estudo como a engenharia, psicologia, lógica, matemática, dentre outros.

Isso significa que o objetivo da cibernética é compreender o funcionamento de sistemas de comunicação para medir a quantidade de informações contidas nas mensagens de forma exata e quantitativa, então foi a partir dessa finalidade que surgiu a teoria da informação. A Teoria da Informação ou Teoria Matemática da Comunicação foi criada por Shannon e Weaver (1948), que, preocupados em investigar a melhor forma de codificar uma informação, criaram o modelo³ que se tornou clássico para o início das pesquisas na área da comunicação e propôs a relação entre fonte -transmissor- canal – receptor-destinatário.

Wolf (1995, p.104) definiu o modelo como “um sistema meramente sintático, um sistema organizador que não contempla, na sua pertinência própria, o problema do significado da mensagem, ou seja, a dimensão mais especificamente comunicativa”. Essa teoria, no entanto, mesmo com a sua contribuição aos estudos da comunicação apresentava limitações, principalmente no tocante à significação. O importante, na questão, era a transferência de informação e não o sistema de significação.

De acordo com Siegfried (1975), uma das aplicações da teoria da informação foi realizada nas técnicas noticiosas, no campo do conhecimento humano, na teoria da comunicação, na teoria dos signos, na análise de traços literários, nas línguas portuguesa e alemã, em trechos da obra de Humberto de Campos e de Machado de Assis. Foi a partir do modelo clássico da teoria da informação que muitos pesquisadores passaram a ter como objetivo entender o funcionamento da comunicação humana. Foram essas pesquisas em torno do entendimento do processo de informação e comunicação que contribuíram para investigar a relação entre o universo social e o universo mental proposto por Moscovici ao dizer que “tanto a teoria da informação, como a teoria da comunicação, me aproximaram da idéia de representação.” (MOSCOVICI, 2004, p. 15)

Logo depois, o modelo de comunicação envolvendo o elemento humano foi apresentado por Lasswell⁴ (1948), demonstrando que para entender o ato da comunicação são necessárias as seguintes perguntas: *quem (emissor), diz o que (mensagem), em que canal (meio), para quem (receptor), com que efeito (efeito)?* Aqui, o receptor deixa de ser abstrato para tornar-se objeto de análise e, de acordo com Wolf (1995, p. 26), “qualquer

³ A referência aqui é para palavra modelo de comunicação. O modelo sugere hipótese caracterizando o desconhecido e teoria é construída por meio do estabelecimento de relações entre fatos e princípios.

⁴ Lasswell é considerado um dos fundadores da análise de conteúdo, método que contribuiu para os estudos sistemáticos dos conteúdos da propaganda.



uma destas variáveis define e organiza um setor específico da pesquisa”, sendo possível desenvolver estudos que envolvam o papel do emissor, a finalidade dos meios, os receptores e até mesmo pesquisas sobre o efeito da mensagem, um elemento novo no processo comunicativo.

A proposta de Lasswel superou a teoria da informação e tornou-se por muito tempo o modelo de comunicação que definiria os estudos sobre o emissor, a intenção da mensagem, os meios, efeitos, análise da audiência e até as pesquisas futuras sobre os processos de comunicação de massa⁵. Foram esses conhecimentos que de certa forma contribuíram para concepção da Teoria das Representações Sociais.

A necessidade em entender a comunicação além de um sistema de sinais, mas como parte da natureza humana, foi e ainda é motivo de permanentes investigações na Psicologia, Comunicação, Sociologia, Filosofia e outras áreas do conhecimento. É somente a partir do século XX, com o advento dos meios de comunicação de massa, com a sociedade industrializada e, conseqüentemente, com o aumento da tecnologia, que as teorias de comunicação passaram a ser importantes em nossa sociedade para pensar e refletir sobre os processos comunicativos.

De acordo com Wolf (1995), as teorias da comunicação estão relacionadas ao contexto social, histórico e econômico da época em que predominaram. Os conceitos e transformações estão ligados ao tempo, ao momento no qual surgiram e, mais recentemente, à comunicação realizada através dos meios eletrônicos. O campo comunicacional foi sendo sistematizado através das mudanças e transformações ocorridas nas práticas da comunicação advindas principalmente dos meios eletrônicos que ampliaram a audiência e instituíram uma redução na relação tempo/espaço.

No entanto, dentre os vários modelos, correntes e teorias que contribuíram para o desenvolvimento do processo comunicativo, o que nos interessa aqui é discutir a contribuição da comunicação para constituição da RS. Nesse sentido, o modelo de Shannon e Weaver aliado ao modelo cognitivo propõe uma relação entre comportamento, emoções, percepção e interpretação das pessoas junta-se, então, a teoria do construtivismo que é uma teoria epistemológica concebida como forma de explicar a realidade da produção de conhecimento. Tais teorias contribuíram definitivamente para a formação da Teoria das Representações Sociais. Através da teoria construtivista, Piaget tinha interesse

⁵ De acordo com Samuel Fromm Neto (1972), o termo massa ainda lembra gentilha, população, povo, em uma relação de elite governante e massa governada. Portanto se refere aos veículos de comunicação em um sentido único, transmitindo mensagens para um grande número de pessoas sem se preocupar com um retorno.



em saber como o conhecimento é formado na mente, um recipiente que arquiva, recupera, processa e transmite a informação. Esse interesse, aliado à base da teoria da informação, embasou a criação da teoria. Esse alicerce de pensamento foi útil para Moscovici na criação da TRS, pois foi através da construção de escalas que ele percebeu as estruturas mentais que estavam contidas nas respostas individuais.

Essa ideia “visual” da qual fala Moscovici parte da mente e se manifesta na comunicação, neste sentido é que a sua proposta tem relação com a organização da dinâmica mental entre os sujeitos que usam diferentes repertórios de conhecimento. Essa explicação é proposta por Bordenave (2001), ao afirmar que as experiências, conhecimentos, crenças, valores, atitudes, signos e habilidades comunicativas são compartilhadas por sujeitos distintos e produzem realidades objetivas através da percepção. É justamente no aspecto da forma como as pessoas compartilham imagens e repertórios comuns que a Teoria das Representações Sociais vai buscar “inspiração” na comunicação para construir o alicerce na sua formação teórica. Jodelet comenta o papel da comunicação nas representações sociais da seguinte forma:

[...]primeiro, ela é o vetor de transmissão da linguagem, portadora em si mesma de representações; em seguida, ela incide sobre os aspectos estruturais e formais do pensamento social, à medida que engaja processos de interação social, influência, consenso, dissenso e polêmica; finalmente, ela contribui para forjar representações que, apoiadas numa emergência social, são pertinentes para vida prática e afetiva dos grupos. (JODELET, 2001, p. 32)

As representações sociais, afirma Jodelet (2001, p.17), “circulam nos discursos, e são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagem e imagens midiáticas”. Para Moscovici (2004, p.49), elas “são fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum”. O autor diz ainda que:

Toute opinion ou représentation sociale est signifiée par des expressions socialisées. Concouramment une représentation est langage, car elle signifie des actes ou des situations sociales. Dans le processus de communication, nous observons la genèse des images et des modèles sociaux, leur interférence avec les règles et les valeurs existantes, avant qu'ils ne deviennent un langage déterminé, parole de la société. (MOSCOVICI, 1961 p. 09).

As comunicações sociais, ao se fazerem presentes nas representações, contribuem nas associações de imagens e palavras, elementos fundamentais na constituição de nossa realidade. Por isso que “representações são sempre um produto da interação e comunicação e elas tomam sua forma e configuração específica a qualquer momento [...]”



(MOSCOVICI, 2004, p.21). São consideradas por Doise (1986, p. 84) “*une modalité de rapports entre groupes, tout comme ces rapports y suscitent des représentations polarisées organisant d’une manière spécifique l’approche cognitive et évaluative de l’environnement sociale*”. As representações não são ações isoladas ou limitadas, elas “pertencem ao “entre” da comunicação humana e da ação social e não são o produto de mentes individuais fechadas em si mesmas,” comenta Jovechelovitch (2008, p.73). Portanto, a comunicação contribui de modo decisivo para a construção da teoria que foi referida por Jodelet como um domínio em expansão.

1.2 As representações sociais: uma teoria em expansão

Neste tópico, apresentamos a Teoria das Representações Sociais e seus principais conceitos. Em seguida analisaremos o encontro das Representações Sociais (RS) com a comunicação social, estabelecendo um diálogo interdisciplinar.

O estudo de Moscovici (1961), *La psychanalyse, son image et son public*, dá início ao diálogo com a comunicação social. O teórico estava interessado em entender o que as pessoas e grupos pensavam sobre a psicanálise. Seu objetivo era estudar os processos referentes à psicanálise e o enraizamento desta na consciência dos indivíduos e dos grupos. Buscava perceber como a psicanálise estava sendo assimilada e a influência que poderia exercer no jornalismo, publicidade, grupos religiosos, indivíduos, grupos e pessoas que não pertenciam à comunidade acadêmica. Neste sentido, o autor afirma:

Dans cette perspective, la psychanalyse continue un objet de choix. La diffusion dont elle jouit dans de larges couches de la société l’influence qu’elle exerce sur de multiples activités culturelle (art, littérature, journalism, publicité, politique) rendent plus aisément saisissable sa présence dans la vie quotidienne. Il eût été plus difficile d’étudier, par exemple, une théorie physique sous le meme angle, celui de sa représentation sociale, en particulier parce qu’il s’agissait d’ouvrir un domaine de recherché. La nature de ce domaine apparaît clairement lorsqu’on tente d’en définir les problèmes (...) la question essentielle a trait au phénomène de transformation des processus de compréhension du réel, des conduites et du langage connexe, par une conception élaborée dans le cadre d’une science particulière. (MOSCOVICI, 1961, p.1)

A proposta de Moscovici foi pensar o campo da Psicologia a partir de proposições que levassem em conta as interações sociais vivenciadas no cotidiano na sociedade, numa perspectiva psicossocial, em que fosse possível compreender a imbricação entre a diferença e a complementaridade constitutivas tanto dos saberes do universo consensual - próprios do senso comum, ordinário -, quanto dos saberes do universo reificado - das



ciências -, a partir dos mecanismos mentais utilizados nessas elaborações. Para a construção da teoria das representações sociais, Moscovici fez convergir diferentes bases científicas como a cibernética, a teoria da informação e da comunicação, as ciências da linguagem, a fenomenologia e a sociologia para formar, com a psicologia social, o arcabouço teórico do seu estudo. Os teóricos que mais contribuíram para os estudos de Moscovici na elaboração da nova teoria foram Merleau-Ponty, Vygotsky, Bartlett, Gabriel Tarde, Freud e, principalmente, Durkheim, Lévi-Bruhl e Piaget.

Ao ressaltar “o poder das idéias” Moscovici reconhece o papel central da comunicação na geração de novas possibilidades para a circulação de ideias e de “grupos sociais mais amplos para o processo de produção psicossocial do conhecimento” (MOSCOVICI, 2004, p.17). A partir dessas percepções, Moscovici analisou as diferentes formas de representações da psicanálise nos meios de comunicação, ao mostrar como a propagação, propaganda e difusão “foram do modo como foram porque os diferentes grupos sociais representam a psicanálise de diferentes modos e procuram estruturar diferentes tipos de comunicação sobre esse objeto, através dessas diferentes formas.” (MOSCOVICI, 2004, p. 17-18).

Na seqüência, o autor afirma que “cada uma dessas formas procura estender sua influência na construção duma representação específica e cada uma delas também reivindica sua própria legitimação para a representação que ela promove.” (MOSCOVICI, 2004, p.18)

Ao referir-se ao papel da comunicação nas representações sociais, Denise Jodelet afirma que os sistemas de comunicação midiáticos intervêm sobre a opinião, a atitude e os estereótipos que, na concepção da autora, constituem as dimensões das representações relacionadas à edificação da conduta: “estes, segundo pesquisas dos efeitos sobre sua audiência, têm propriedades estruturais diferentes, correspondentes à difusão, à propagação e à propaganda. A difusão é relacionada com a formação das opiniões, a propagação com a formação das atitudes e a propaganda com a dos estereótipo.” (JODELET, 2001, p. 30).

A teoria que se formava tinha como objetivo refletir sobre o conhecimento que emergia do senso comum e se estruturava nas diversas camadas sociais, construindo significações e símbolos no contexto social. O questionamento de Moscovici (2004) tinha por objetivo entender a relação entre dois tipos de universos: o consensual e o reificado. O primeiro se organiza a partir da experiência, vivência e da existência humana, pela criação de discursos próprios, que advêm das práticas cotidianas e do saber familiar das pessoas. Já o segundo é constituído de forma estruturada e sistematizada e se refere ao mundo das



ciências, das teorias e investigações científicas. Para o autor, as representações que nós concebemos simplesmente são resultado de um “esforço de tornar comum e real algo que é incomum (não-familiar).” (MOSCOVICI, 2004 p. 58). Os dois universos causam uma cisão entre as exatidões do mundo intelectual e as vivências empíricas, criando, assim, um impacto psicológico (MOSCOVICI, 1961; SÁ, 1996).

Ao tentar entender a formação das representações através de signos e significações, Moscovici atribuiu à mídia⁶ um papel de destaque, pois esta seria responsável pela circulação de mensagens e, conseqüentemente, pela construção das RS. Sua pesquisa envolveu pessoas de classe média, profissionais liberais, estudantes de escolas técnicas e trabalhadores. Neste percurso, tanto a literatura especializada como a conversação contribuíram para a construção de uma representação social da Psicanálise. No entanto, cada segmento construiu um entendimento, ou seja, uma representação a partir do acesso que dispunha às diferentes fontes de informação.

Durkheim pensava que, através das representações coletivas, a sociedade poderia manter-se coesa e equilibrada sem sofrer alterações. Em contraposição, Moscovici (2004, p.15) afirma que “Durkheim vê as representações coletivas como formas estáveis de compreensão coletiva, com o poder de obrigar, que pode servir para integrar a sociedade como um todo”. Para o criador da escola francesa de sociologia, o indivíduo está sujeito às regras e ao pensamento da sociedade, local onde adquire os valores e as crenças. Neste sentido, as representações coletivas se caracterizam por serem fenômenos solidificados e perenes que carregam a capacidade de preservar o social retirando do indivíduo o poder de ação (MOSCOVICI, 2004).

Pensando na diversidade que contém o social, Moscovici vai propor um repensar das definições estabelecidas por Durkheim. Juntam-se aos conceitos citados para a constituição da Teoria de Representações Sociais os estudos da linguagem desenvolvidos por Saussure, a pesquisa de Piaget em torno das observações e desenvolvimento de crianças, o trabalho de Vygotsky sobre as origens da consciência humana, a concepção de cultura proposta por Lévy-Bruhl e a teoria da informação, da cibernética e da comunicação (MOSCOVICI, 2004).

A construção da Teoria das Representações Sociais abriu possibilidades de pesquisa não só na Psicologia, como também nas ciências humanas e sociais, permitindo a

⁶ Vale ressaltar que nosso interesse em refletir sobre as representações sociais, ao contrário de Moscovici, não está baseado em um estudo midiático, mas nas relações interpessoais, face a face, advindas de um cotidiano comunitário que envolve cultura, saúde (saber popular e científico) e comunicação.



proposição de novos campos de investigação a partir da teoria. Juntam-se à Psicologia Social e, de forma específica, à Teoria das Representações Sociais, biólogos, advogados, antropólogos, historiadores, comunicadores e vários outros profissionais que têm utilizado as RS como ferramenta teórico-metodológica.

Ao definir as representações sociais como um domínio em expansão, Denise Jodelet apresenta outras possibilidades de pensar a teoria e entende-se a função da comunicação como fundamental nas interações que concorrem para a criação do universo consensual. A teoria pode ser pensada em articulação com outros campos de conhecimento, mas somente depois, com o aumento de publicações em vários países e, principalmente, um repensar no campo da Psicologia Social, é que a teoria teve sua expansão e aceitação. Paralelamente, aumentou o número de pesquisas que envolviam uma Psicologia mais preocupada com o contexto social, isto é, envolvendo a Sociologia do Conhecimento, com Berger e Luckman, a Fenomenologia, com Schutz, a Antropologia e outras áreas das Ciências Humanas, que acabaram por conferir um olhar transversal, ou seja, psicossociológico às representações sociais. Outros avanços foram a articulação dos campos afetivo, mental e social, que deram uma maior complexidade à teoria envolvendo as realidades materiais e sociais (JODELET, 2001).

Esses novos olhares acabaram por abrir perspectivas de pesquisa para outros campos de conhecimento, tais como a saúde e a doença, a ecologia, a economia, a tecnologia, as desigualdades sociais e outros temas não menos interessantes que contribuem para a produtividade da teoria. Críticas e contribuições foram incorporadas às TRS e “seu valor heurístico se evidencia pela crescente diversidade de questões cuja pesquisa tem inspirado e às quais têm proporcionado os referências teóricos” (SÁ, 1993, p. 42).

Wagner (2008) corrobora com o pensamento de “domínio em expansão” de Jodelet (2001), ao analisar as possibilidades de interpretação das RS, a partir do momento em que, de um lado, a teoria propõe um processo social que envolve uma rede de significados e, de outro, é necessário o uso de atributos individuais de conhecimento.

Em uma primeira tentativa de definição, as representações podem ser concebidas como fenômenos complexos em dinâmica na vida social ou “uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado com objetivo prático, que contribui para construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p.22) As representações são caracterizadas por olhar total e particular sobre o objeto e/ou indivíduo, possibilitando uma melhor compreensão da realidade (OLIVEIRA, 2000). As representações “são



impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações” (MOSCOVICI, 2004, p. 37).

A pluralidade de aproximações e significações faz da RS um instrumento de difícil manipulação, mas ao mesmo tempo apresenta-se com possibilidades de diálogo com outras teorias. Neste sentido, comparamos a teoria à “Obra Aberta”, de Umberto Eco (1971). No livro, o autor faz um convite ao intérprete para participar ativamente da construção final do objeto artístico. De acordo com o pensamento de Eco, a obra de arte não comporta somente uma interpretação, mas várias possibilidades de compreensão. Neste sentido, as RS também podem ser consideradas uma obra aberta por ser um campo que oferece possibilidades de encontros teóricos e metodológicos e, ao mesmo tempo, abre um diálogo com outras disciplinas. Jovchelovitch (2008) comenta que a teoria favorece outras visões de mundo a partir do compartilhamento de interesses com outras disciplinas.

Ao apresentar a teoria, Moscovici amplia a reflexão sobre o campo da Psicologia Social e introduz uma proposta psicossocial que problematiza o social e as implicações nele contidas. A teoria envolve a sociedade, o sujeito, o individual, o coletivo, dimensões simbólicas, identidades, conhecimento e senso comum. É, pois, através das RS que vamos entender como novos saberes podem ser “produzidos e transformados em comunicação e interação social” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 87).

As RS se constituem, portanto, como resultado de uma interação entre aquilo que é dado pela experiência e as apreensões da memória. O diferencial da teoria está em integrar fatores mentais e psicológicos às conjunturas socioculturais, em tornar aquilo que é estranho em familiar à comunidade ou grupo social, na articulação entre processo e estrutura, ou seja, na formação da RS. Essas interações somente são possíveis porque acontecem através do ato comunicativo e da partilha de ideias que são comuns aos sujeitos, nas conversas informais, na forma de relato das histórias, na maneira como as pessoas conversam e se enunciam. A respeito do assunto, Moscovici afirma:

La conversation, communication par impact, se situe à un niveau élevé et assez constant, dans tout les groupe étudiés, avec des fréquences moins marquées chez les étudiants et les intellectuels. La proportion de sujets indiquant la conversation comme source première d’information est un signe de la pénétration de la doctrine dans les rapports et échanges interpersonnels. (MOSCOVICI, 1961, p. 138, grifo do autor)

A respeito da constituição das RS, é ainda Moscovici (2004, p. 372) que afirma “a conversação é o primeiro gênero de comunicação em que, como sugeri desde o início, o



conhecimento do senso comum é formado”. Juntando-se a este, outros gêneros como a difusão, propagação e propaganda também foram utilizados para entender a circulação da psicanálise. A comunicação e os gêneros que esta apresenta foram bastante explorados por Moscovici, que em toda a sua obra inaugural constrói as bases de discussão para se pensar as RS. Sem a comunicação não há circulação dos saberes e nem transmissão de conhecimentos. Através das estratégias de comunicação, entendemos as várias formas de representações sociais que circulam na sociedade, como se formam as estruturas, os processos e as dinâmicas de produção, circulação e consumo de sentidos, que são fundamentais na forma de entender o contexto social, na constituição das práticas e dos discursos. De acordo com Jodelet (2001, p. 17), as representações surgem porque temos necessidade de compreender o mundo, e “partilhamos esse mundo com os outros, que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, admirá-lo ou enfrentá-lo”.

As RS, para Moscovici (2004), são fenômenos específicos que estão relacionados com a forma de compreender e de comunicar, criando tanto realidade quanto senso comum. Ao penetrarem no cotidiano da vida social, as RS não se reduzem a conceitos ou ideias, tornam-se um núcleo de significações e símbolos para um determinado grupo, ou um conjunto de conceitos, ideologias e visões de mundo. Portanto, o papel da comunicação na obra de Moscovici é essencial para criação do universo consensual.

O autor diz que as representações sociais são “geradas” no processo de comunicação e circulam através das mensagens, estando sustentadas, portanto, pela influência da comunicação. Por isso, são frutos das interações sociais e das relações cotidianas dos indivíduos, que estão inseridos na cultura. São produções mentais, sociais e culturais fruto da cotidianidade, que se manifestam na linguagem e se traduzem em representação. Neste sentido, o autor comenta que:

La communication ne se réduit pas à l'acte de transmettre un message. Elle déforme, différencie, traduit, de même que les groupes créent, déforment ou traduisent les objets sociaux ou les images des autres groupes. Les symboles et les modèles sociaux naissent et muent au cours de ces échanges (MOSCOVICI, 1961, p. 09)

Essa construção mental é explicada por Jodelet (2001, p. 23) com o seguinte enunciado: “o conteúdo concreto do ato de pensamento, a representação mental traz a marca do sujeito e de sua atividade.” Na interação sujeito - significante – significado, torna-se possível não só uma interpretação de sentidos, mas também uma construção da realidade, que arquiteta a concepção de mundo de um determinado grupo. As produções



desses significados geram representações sociais que estão relacionadas a figuras mentais. Nesse sentido, Moscovici (2004, p. 307) diz que “as representações sociais estão, é claro, relacionadas ao pensamento simbólico e a toda forma de vida mental que pressupõe a linguagem.” Logo, a linguagem e a comunicação são partes da proposição original das representações sociais, sendo as comunicações co-responsáveis pelas reproduções e criações das práticas sociais, das ideologias e, principalmente, das transformações sociais.

1.3 Representações sociais e comunicação: um encontro possível

As formas de entender o processo de comunicação na sociedade têm sido estudadas sob várias perspectivas. Na sociológica, podemos citar Bourdieu (1989), com a obra *Poder Simbólico* que discute os conceitos de poder, *habitus* e campo, contribuindo para a discussão da formação do campo comunicacional. Foucault (1996), em a “Ordem do Discurso”, desvenda a relação entre as práticas discursivas e o poder que estas exercem; mostra o discurso e suas contradições, analisando o jogo de palavras, no qual o dito e o não dito se revelam constantemente nas relações de interlocução. Na linguística, na contribuição de Saussure (2002), especialmente na obra “Curso de Linguística Geral”, percebem-se distinções entre língua e fala, significante e significado, proporcionando reflexão e interpretação para o ato comunicativo. Pêcheux (1975; 1997; 1983) contribuiu para análise de discurso ao percebê-lo como histórico e social, mostrando que a linguagem aponta para uma luta ideológica e, portanto, deve ser compreendida como efeito de sentido entre os sujeitos que dela se utilizam. Bakhtin (1992; 1995) pensou a língua (atividade humana) como instrumento de interação dos sujeitos e como possível concretização de saberes teóricos. Para ele, a língua se concretiza na interação verbal e nas relações sociais que evoluem modificando os atos de fala; o autor afirma que “a alteridade define o ser humano, pois o outro é indispensável para sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro.” (BAKHTIM, 1992, p. 35-36).

Nesta perspectiva, entende-se a vida como essencialmente dialógica, pois se constitui em interação permanente com vários discursos. Orlandi (1998 p.12), no livro ‘Discurso e Leitura’, atenta para o fato de que “compreender é saber que o sentido pode ser outro”, especialmente quando se trabalha com análise de discurso, pois o ato da análise torna-se um ato de pensamento e de reflexão, tirando-nos sempre a certeza do que vemos e, por consequência, torna o mundo mais desafiador, visto que a comunicação também nos leva à compreensão do outro, das inter-relações com as diversas áreas da atividade humana e com as instituições na sociedade.



Ramos (1936), em “Introdução à Psicologia Social”, já apontava algumas discussões que envolviam temas da comunicação, como opinião pública, censura e propaganda. Assim, a psicologia ampliou os estudos referentes aos os meios de comunicação de massa, abrindo possibilidades de investigação para as áreas da tecnologia, economia, política, educação, ou seja, o campo social.

Silva (2005) faz uma reflexão sobre a genealogia do social e apresenta as diversas fases de construção do conceito. Segundo a autora, o *social* não se caracteriza apenas por um conjunto de práticas que buscam regular o funcionamento/disfuncionamento da sociedade, mas corresponde também a um processo de objetivação do indivíduo. Do ponto de vista da Comunicação, como afirma Fairclough (2008), o social caracteriza-se por um processo de objetivação em que o indivíduo se constrói, construindo o mundo em significado, já que a linguagem não é apenas uma prática de representação, mas também de significado do mundo, pois incorpora diferentes visões e percepções. O autor aponta uma reflexão sobre a “importância que a linguagem sempre teve na vida social, mas que previamente não foi suficientemente reconhecida (...)” (FAIRCLOUGH 2008, p.24).

A linguagem carrega, portanto, a capacidade de transformação e esse é, sem dúvida, um ponto de interesse comum tanto da TRS, quanto da Comunicação. Tanto a TRS como a Comunicação, estão preocupadas com as novas reorganizações em que o indivíduo se insere e com a relação deste na sociedade a que pertence. Os dois campos têm, portanto, interesse numa reflexão sobre as dimensões subjetivas e simbólicas do indivíduo.

A possibilidade de troca, intercâmbio e interlocução das RS com outras disciplinas foi proposta por Moscovici, ao lançar a Teoria das Representações Sociais. O que se percebe é que a teoria está inscrita tanto no campo da Sociologia quanto da Psicologia. No que tange à Sociologia, inspira-se nas formas simbólicas, produções mentais e coletivas, mostra que a construção de um conhecimento pode ser apreendida tanto pelo senso comum, quanto pelas ciências; e no campo da Psicologia, as RS privilegiam os estudos cognitivos. No que se refere ao amplo domínio da teoria, Moscovici reflete que:

Se o conceito de representação atravessa tantos domínios de conhecimento, da história à antropologia através da lingüística, ele é sempre e em todo lugar uma questão de compreensão das formas das práticas de conhecimento e de conhecimento prático que cimentam nossas vidas sociais como existenciais comuns. , MOSCOVICI (2004,p.217)

A contribuição da Comunicação para a Teoria das Representações Sociais não se presta apenas a um papel metodológico ou mediador na construção de sociabilidades e



memórias, mas acrescenta quando se propõe a discutir os elementos essenciais no processo de produção de sentido e contribui para ampliar o campo de conhecimento do objeto investigado.

Ao estudar as RS, procuramos entender como o indivíduo compreende e se comunica com o mundo, as circunstâncias em que as pessoas se comunicam e interagem e ainda como as ações, crenças, ideologias e as representações criadas são inerentes ao processo comunicativo. Segundo Moscovici (2004), a comunicação desempenha dupla função: ela serve para situar e orientar o indivíduo no mundo e funciona como um código na comunidade, contribuindo para a criação da história social e individual. Por serem originadas a partir das definições de linguagem e comunicação, as representações sociais só adquirem sentido compartilhado nas práticas sociais.

As práticas sociais, por sua vez, estão relacionadas à estrutura social e são incorporadas e reproduzidas no *habitus*⁷ e estes se concretizam nas ações comunicativas, (BOURDIEU, 1998). Almeida, Santos e Trindade (2000) comentam sobre a dificuldade para entender o sentido das práticas sociais nas representações, pois estas apontam certo grau de compreensão, visto que nem sempre definimos a natureza das relações que analisamos. Logo, as autoras entendem que:

as práticas sociais se referem a um processo interativo que sujeito, objeto e grupo social não podem ser considerados isoladamente. É no jogo dessas interações que as práticas se consolidam, adquirem significados e são re-significadas, impregnadas por valores e afetos, contribuindo para construção e transformação das diferentes teorias psicológico-populares que permeiam o imaginário de determinado grupo social. (ALMEIDA, SANTOS; TRINDADE, 2000, p. 265)

Por ser uma teoria que inclui vários conceitos, as representações sociais também carregam como um de seus objetivos a articulação dos saberes sociais, que “são produzidos e transformados em processos de comunicação e interação social” (JOVECHELOVICH, 2008, p. 87). Essas interações são tidas como negociações nas relações Eu - Outro, que incluem regras, cognições, culturas e crenças (MOSCOVICI, 2004). Portanto, ao trabalharmos com as práticas sociais, estamos interessados na forma como o conhecimento ou saber é transmitido ao emissor e receptor, pois é a partir dos significados partilhados e das trocas de mensagens que as diversas representações são criadas, solidificadas e transformadas.

⁷O *habitus*, para Bourdieu, é produzido pela experiência construída no espaço social, nas regiões em que circulam os capitais econômicos, culturais, sociais e simbólicos.



Vale ressaltar que “os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as constituem”, como pensa Fairclough (2008, p. 22). São o que Benveniste (1991, p. 92) denomina de “a linguagem posta em ação”, logo, revelam-se através do uso e da dinâmica da linguagem em uma disputa ideológica.

Contribuindo com a discussão apresentada, Benveniste considera que o universo da linguagem comporta também os meios considerados não linguísticos como gestos, mímica, sinais, dentre outros, sendo, pois, “na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito [...]” (BENEVISTE, 1991, p. 286) e mantém uma inter-relação/relação de diálogo que envolve sujeitos e objeto. Essa vivência relacional do ser humano é descrita por Martin Buber na obra *Eu e Tu*, em que ambos estão em um emaranhado de relações. É no Tu que o Eu se vê e entrevê, criando assim alteridade o Tu se apresenta ao Eu como uma condição de existência, já que não há Eu em si, independente, em outros termos o si-mesmo não é substância mas relação. “O Eu se torna Eu em virtude do Tu. Isto não significa que devo a ele o meu lugar. Eu devo a minha relação a ele. Ele é meu Tu somente na relação, pois fora dela, ele não existe, assim como Eu não existe a não ser na relação.” (BUBER, 2001, p. 34).

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

- ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeidi Araújo. Representações e práticas sociais: contribuições teóricas e dificuldades metodológicas. *Temas Psicol.* [online], 2000, v.8, n.3, pp. 257-267, 2000. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2000000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em : 26 mar. 2011.
- APTER, Michel J. *Cibernética e psicologia*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BAKHTIN. M. Língua, fala e enunciação. In: BAKHTIN. M. (Org.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- _____. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN. M. (Org.). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BENVENISTE, Emile. *Problema de lingüística geral I*. Campinas, SP. Ponte. Ed. 1991.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Difel; Bertrand, 1989.
- BUBER, Martin. *Eu e tu*. Tradução de Nilton Aquiles Von Zaben. São Paulo. Centauro, 2001
- BORDENAVE, Juan Díaz. *Além dos meios e das mensagens: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.



- FAIRCLOUGH, Norma. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília, DF: Ed. UnB. 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3.ed. São Paulo. Loyola. 1996
- JODELET, Denise. (Org). *As Representações sociais* Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- .JOVCHELOVITCH, Sandra *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MATTERLAT, Armand. *A globalização da comunicação*. Florianópolis : Edusc, 2000
- MOSCOVICI, Serge. *La Psychanalyse son image et son public*. Paris: Press Universitaires de France, 1961.
- _____. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Tradução de Pedrinho Guareschi. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *Psychologie Sociale*. Paris: Press Universitaire de France, 1984.
- SÁ, Celso Pereira de. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In.
- SPINK, Mary (Org.). *O Conhecimento no cotidiano*. São Paulo. Brasiliense, 1993.
- SANTAELLA, Lucia. *Pesquisa e Comunicação*. Hackers Editores, São Paulo, 2001
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.
- SIEGFRIED, Maser. *Fundamentos da teoria geral da comunicação: uma introdução e seus métodos e conceitos fundamentais acompanhados de exercícios*. Tradução de Leônidas Hegenberg. São Paulo. EPU, EDUSP, 1975.
- SILVA, Rosane Neves da. *A invenção do social*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. 4.ed. Lisboa: Editorial Presença, 1995.
- RAMOS, A. *Introdução à psicologia social*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil. 1936.
- WATLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet, HELMICK, Jackson Don D. *A pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. Tradução. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1997.